

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Sã  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

## Coordenador

José Reis

## Editor

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

## Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

## Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

## Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

## ISBN

978-989-8847-25-6

# ESPAÇO RITUALIZADO

Jorge Figueira

A emergência de COVID-19 criou um espaço ritualizado que quebrou a liberdade individual e a sociabilidade das comunidades. Do olho da câmara do computador ao “distanciamento social”, das máscaras até à vigilância do outro, vivemos hoje num ritual de aeroporto, sem aviões a partir: protocolos, suspeição, lojas de luz apagada. Há “alfândegas” e um “controle de bagagens” ao mais ínfimo e íntimo detalhe: o ar que se respira.

No confinamento, como no desconfinamento, o espaço é ritualizado, ao modo de uma experiência totalitária e distópica: os passos são medidos, a distância é obrigatória, o outro é um possível agente do vírus, ou talvez mesmo um *alien* à maneira de *They Live* de John Carpenter. A autoproteção é também a proteção dos outros; afinal, nós próprios podemos ser o *alien*. E é o nosso rosto que permanentemente surge no ecrã do computador, num quotidiano *online* também ritualizado, em *links*, agendamentos, mão levantada. O portátil transformou-se num espelho digital, para onde falamos constantemente; a máscara devolve-nos o som da nossa voz. O espaço ritualizado é também o da desinfeção, o do lavar as mãos e superfícies, antes e depois. Desinfeção, como num avião em viagem intercontinental; digitalização, como num futuro a que se tem de aderir compulsoriamente.

A ritualização do espaço pelo turismo, que estava em crescimento exponencial e aparentemente inexorável, foi abruptamente interrompida por esta ritualização imposta por um vírus: sobre nós caiu um silêncio desconhecido com regras e instruções planetárias.

A desritualização do espaço está dependente da evolução da pandemia, dos picos e das ondas, das estatísticas e da letalidade. Mas é uma tarefa de sobrevivência societal, significará a prevalência do sentido social das comunidades e da nossa liberdade individual. A baixa densidade e o “campo” como retiro dos que tendem a ser os mais privilegiados não pode substituir a alta densidade e a cidade como o lugar eleito da democracia, o que seria uma regressão civilizacional. Reganhar a cidade significará abrir as portas, cruzar todas as mobilidades, não permitir que a vigilância, digital, física, territorial, se imponha como modelo.

O pós-COVID-19 deverá ser o momento onde regressámos à cidade com um sentido novo talvez mesmo um novo paradigma: o de encontrar algo que nunca se pensou perder. As ruas e as praças serão as mesmas, mas o nosso olhar será diferente; e talvez esse novo olhar possa afinal investir a cidade de um outro sentido de inclusão e de sociabilidade.

A experiência do espaço ritualizado é estruturalmente intrusiva, tendencialmente totalitária, e não se pode normalizar. “A romantização da quarentena é privilégio de classe” está escrito na parede. A quarentena significa um espaço ritualizado, que estratifica e exponencia as diferenças sob um manto de aparente igualdade.

Desritualizar o espaço significará sair do aeroporto do confinamento, e do desconfinamento, e regressar, desligando o olho da câmara, até à cidade – que será a mesma; que será outra.